



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**MULTIFUNCIONALIDADE DO AÍ: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO EM PRODUÇÕES DE RELATOS DE
EXPERIÊNCIA**

Lécia de Jesus Santos

**Itabaiana/SE
2016**

LÉCIA DE JESUS SANTOS

**MULTIFUNCIONALIDADE DO AÍ: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO EM
PRODUÇÕES DE RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Curso de Letras da Universidade Federal de
Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho,
como requisito à obtenção do título de
graduada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Beto Vianna

**Itabaiana/SE
2016**

“Quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem quando e como monitorar seu estilo.”

Bortoni-Ricardo.

RESUMO

Embora estudos sociolinguísticos comprovem que a língua é heterogênea (LABOV, 2008[1972]), o ensino de Língua Portuguesa, muitas vezes, ainda está embasado na concepção homogênea de língua, a exemplo temos a classificação do item linguístico *aí*, em gramáticas normativas, exercendo apenas a função de advérbio de lugar. Isto posto, a presente pesquisa consiste na investigação das ocorrências em que o conector sequenciador *aí* aparece em relatos de experiência. Conforme Tavares (1999), o conector *aí* é um fenômeno de estratégia de sequenciação, responsável por unir um enunciado precedente a um posterior, visto que será inserida uma informação nova juntamente com outra já existente no discurso. Nesta pesquisa também fazemos uma descrição da multifuncionalidade do item *aí* em contextos de uso linguístico, por meio de relatos de experiência produzidos por alunos do 6º e 9º anos, da cidade de Moita Bonita/SE. Analisamos as atitudes linguísticas com relação ao uso do referido item linguístico a partir de dois fatores sociais: localidade geográfica e sexo/gênero. Seguimos a linha teórica da Sociolinguística, mais precisamente a Sociolinguística Variacionista, proposta por William Labov (2008), cujo objeto de estudo é a comunidade de fala, a qual compartilha regras sociais e linguísticas. Os dados foram submetidos à análise estatística, a partir da qual evidenciamos um crescente uso do *aí* pelos discentes do 6º ano da cidade de Moita Bonita/SE. Os resultados evidenciam que o item linguístico em questão é empregado em determinados contextos, além de ser menos marcado, por isso tem maior frequência. É nítido que o conector em questão é condicionado favoravelmente pelas funções de sequenciação textual, função menos marcada.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista; Conector *aí*; Multifuncionalidade.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Uso do <i>aí</i> pelos alunos do 6º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator localidade geográfica.....	28
Gráfico 2: Uso do <i>aí</i> pelos alunos do 9º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator localidade geográfica.....	30
Gráfico 3: Uso do <i>aí</i> pelos alunos do 6º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator sexo.....	31
Gráfico 4: Uso do <i>aí</i> pelos alunos do 9º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator sexo.....	32
Gráfico 5: Uso do <i>aí</i> pelos alunos do 6º e 9º anos.....	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO	9
1.1 VARIACÃO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA	9
1.2 “PODERIA APRESENTAR O QUE JÁ FOI FEITO?”: ESTUDO LINGUÍSTICO- DESCRITIVO SOBRE A MULTIFUNCIONALIDADE DO AÍ	12
1.3 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS?	13
1.3.1 Gramáticas normativas e pedagógica	14
1.3.2 Gramáticas descritivas	17
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
2.1 FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS.....	21
2.2 VARIÁVEIS SOCIAIS CONTROLADAS	21
3 RESULTADO E DISCUSSÃO	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	39
ANEXO A – Folha de aprovação.....	40
ANEXO B – Conto.....	41
ANEXO C – Produção.....	44
ANEXO D – Contagem.....	45

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, o item gramatical *aí* é classificado, na maioria das gramáticas brasileiras, como advérbio de lugar (cf. CUNHA & CINTRA, 2006; BECHARA, 1999; 2009; CASTILHO, 2010; BAGNO, 2011).

Segundo Abaurre e Pontara (2008):

Advérbios são palavras invariáveis que se associam aos verbos, indicando as circunstâncias da ação verbal. Em casos especiais, associam-se aos adjetivos, especificando as qualidades por eles expressas, e a outros advérbios, intensificando o seu sentido. Na classificação dos advérbios, utiliza-se um critério de ordem semântica, de acordo com a circunstância que eles exprimem com relação aos verbos, adjetivos ou outros advérbios por eles modificados. **Lugar:** aí, aqui, ali, acolá, lá, além [...] (ABAURRE, PONTARA, 2008, p.464- 465)

É importante ressaltar que pesquisamos a classe gramatical advérbio em várias gramáticas pedagógicas da rede de ensino de Moita Bonita/SE, no entanto, em nenhuma delas, o item linguístico *aí* esteve presente na classificação dos advérbios. Diante disso, recorremos a um manual didático, utilizado no ensino médio, e mesmo assim o *aí* foi classificado apenas como advérbio de lugar, sem sequer demonstrar essa ocorrência por meio de exemplo. Esse fato justifica a problematização que gira em torno da preocupação apenas com o conceito sem exposição de exemplos.

A escolha do item gramatical *aí* como objeto de estudo deve-se ao fato dele apresentar, atualmente, funções mais abstratas que se distanciam, por vezes, da sua função primária de advérbio de lugar. Nesse estudo, mostramos o funcionamento do item gramatical *aí* e seus contextos de uso, em um banco de dados constituído de redações à luz do referencial teórico da Sociolinguística (LABOV, 2008 [1972]).

Para isso, buscamos fornecer uma breve descrição funcional do *aí* neste corpus, posto que o item, em determinados contextos de uso, deixa de exercer a função de advérbio de lugar para desempenhar outras funções (cf. TAVARES, 1999).

Diante dessa problemática, a proposta adotada para o presente estudo consiste em uma análise qualitativa e quantitativa do uso do item linguístico *aí*, a partir de produções de relatos de experiências pelos discentes do 6º e 9º anos da Escola Municipal “Terezinha Santana dos Santos”.

Vale destacar que esta pesquisa é constituída pela Sociolinguística, a qual busca demonstrar que a explicação acerca dos fenômenos de variação e de mudança oferecida por essa perspectiva não é excludente, o que facilita essa integração.

Cabe salientar que a Sociolinguística toma como base de investigação o vernáculo de uma comunidade de fala, por isso é possível afirmar que a sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre língua e sociedade. É importante ressaltar que o iniciador desse modelo teórico-metodológico (sociolinguística quantitativa) é o americano William Labov. O modelo da sociolinguística quantitativa de análise proposto por Labov (2008 [1972]) apresenta-se como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo. De acordo com Tarallo (2006, p.7) “foi, portanto, William Labov quem, mais veemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.

A gramática é concebida como um sistema adaptativo, emergente, cujas regras são motivadas no contexto comunicativo, baseadas em estratégias e princípios de uso. A partir dessa perspectiva teórica, analisamos a multifuncionalidade do item gramatical *ai*, com vistas a evidenciar a relação entre padrões de uso linguístico e contexto. Sendo assim, a gramática nunca se estabiliza, nunca está acabada: ao mesmo tempo em que alcança regularidade pela eliminação de anomalias e variações, emergem novos padrões que introduzem novas anomalias e variações (LICHTENBERK, 1991 apud TAVARES, 1999, p. 44).

É notável, para o contexto desta pesquisa, definir a função dos itens gramaticais e dos lexicais, os quais referem-se a ações, qualidades, por isso entre eles estão nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Quanto aos itens gramaticais, estes são elementos funcionais, visto que auxiliam na organização dos itens lexicais (TAVARES, 1999). Em suma, a trajetória de mudança pelo qual os sequenciadores passam, resulta da passagem do léxico para a gramática, processo denominado gramaticalização e, desta, para a interação. Ou seja, um elemento, que inicialmente era lexical, passa a ser usado com função gramatical, sendo assim, também pode exercer a função de marcador discursivo.

No capítulo 1, apresentamos os teóricos que serviram de base para a fundamentação desta pesquisa, expusemos também um estudo sobre o item linguístico *ai*, o qual é o foco desta investigação. Ainda neste capítulo fizemos uma investigação acerca de como o conector em questão é abordado em compêndios gramaticais do português. O capítulo 2 faz uma abordagem sobre a metodologia utilizada para a constituição do *corpus* da pesquisa e os procedimentos de análise. Por conseguinte, fizemos uma análise, com base no tratamento

estatístico. Por último, ressaltamos de forma sucinta o que foi discutido ao longo do TCC, apontando as dificuldades e as possíveis contribuições para outros estudos acerca do fenômeno.

1 SOCIOLINGUÍSTICA E ENSINO

Neste capítulo, apresentaremos os teóricos que fundamentam essa pesquisa, bem como as várias normas existentes na Sociolinguística. É notório que os estudos sociolinguísticos compreendem a língua como uma instituição social, na qual se encontra um conjunto de variantes sociais e estilísticas, que são fundamentais para a identificação das diferenças sociais presentes numa determinada comunidade. Na medida em que a variação no comportamento linguístico modifica, altera-se a posição social do falante. Essa flexibilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008). Conforme afirma Labov (2008):

O ponto de vista do presente estudo é o de que não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008, p. 21)

Destarte fica evidente que a diversidade está presente nas línguas humanas, uma vez que a língua passa por transformações com o intuito de adaptar-se tanto aos falantes quanto à comunidade. Dessa forma, atentamos para o uso do *ai* que na maioria das vezes é classificado somente como advérbio de lugar, contudo esse item linguístico desempenha outras funções, além da já citada, exercendo assim caráter multifuncional.

Nas seções a seguir, apresentaremos uma explicação dos pressupostos acima para compreendermos melhor a relação estabelecida entre língua e sociedade, destacando a multifuncionalidade do *ai*.

1.1 VARIAÇÃO NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA

Nesta seção iremos expor a fundamentação teórica que sustenta esta pesquisa, a qual está inserida na Sociolinguística Variacionista. A Sociolinguística manifesta-se devido a necessidade de compreender a relação entre a língua e a sociedade, bem como, as variações e as transformações ao longo do tempo. Cabe ressaltar que um dos precursores dessa teoria é o americano William Labov, o qual argumenta:

Os membros de uma comunidade de fala compartilham, sim, um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos uma variação altamente estratificada na fala real (Labov 1966 a: 4-35ss.). Mas essa uniformidade nos julgamentos intuitivos é característica somente de variáveis sociolinguísticas bem desenvolvidas, que têm recebido correção social explícita. A maioria das regras linguísticas estão muito abaixo do nível da correção social e não têm normas sociais explícitas associadas a elas. (LABOV, 2008, p. 225-226)

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), o prestígio incorporado ao português padrão é uma herança colonial enraizada na nossa nação. Nessa perspectiva, “podemos e devemos questioná-lo, desmistificá-lo e demonstrar sua relatividade e seus efeitos perversos na perpetuação das desigualdades sociais, mas negá-lo, não há como” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 14).

Ainda conforme Bortoni-Ricardo:

Qualquer posição que coloque ou pareça colocar em risco a pureza e a propriedade do idioma pátrio será sempre recebida no mínimo com perplexidade, quando não com veemente resistência. É interessante constatar que, nas sociedades modernas, os valores culturais associados à norma linguística de prestígio, considerada correta, apropriada e bela, são ainda mais arraigados e persistentes que outros, de natureza ética, moral e estética. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.13)

Os grupos sociais são distintos pela forma como fazem uso da língua. Nas sociedades em que há distribuição de renda irregular as diferenças são marcantes e devem se propagar durante muito tempo. É importante ressaltar que a distribuição de renda juntamente com fatores históricos e políticos exercem influência sobre as formas de falar, as quais muitas vezes são rejeitadas e vistas com preconceito em comparação as outras. Esse preconceito linguístico não tem fundamentação científica, portanto devemos contestar começando pelas instituições de ensino. Bortoni-Ricardo ressalta: “Lembre-se de que a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.35). Por isso, as variedades faladas pelos grupos de maior poder econômico são vistas como mais bonitas e mais corretas, porém essas variantes de prestígio não têm nada de superior às outras.

Em qualquer que seja a comunidade de fala haverá variação linguística. Esse fato resulta de vários fatores, como: *status* socioeconômico, grau de escolarização, entre outros. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os usos da língua são práticas sociais, as quais exigem vocabulário específico e formações sintáticas adotadas pelas gramáticas normativas.

Como consequência disso, percebe-se que à medida que os indivíduos exercem funções sociais diversas têm que obedecer às normas nos novos domínios de interação social, uma vez que a variação depende de cada comunidade linguística.

Destarte o âmbito escolar é o local onde as diferenças linguísticas não devem ser rejeitadas, visto que os professores e os alunos precisam de discernimento para identificar as diferenças, assim como a conscientização de que a mesma coisa pode ser dita de várias maneiras. A maioria das pessoas fala o português não padrão, pois não necessariamente devemos falar como escrevemos, e sim, adequar nossa fala de acordo com o ambiente em que estamos, assim como comprovou Labov nos estudos em Martha's Vineyard e na comunidade de fala da cidade de Nova York.

É imprescindível ressaltar que as escolas voltadas à educação reconheçam a diversidade linguística do Brasil e deixem de considerar a língua homogênea, posto que é na sala de aula onde o grau de variação é grande, sendo assim o professor deve abordar esse assunto. As instituições oficiais que são encarregadas de planejar a educação no Brasil, a exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais já reconhecem a diversidade linguística e defendem que quando falamos em Língua Portuguesa, estamos falando de uma unidade que origina muitas variedades, o que já é um grande avanço que deve invadir as salas de aulas.

Diante disso Faraco (2008), afirma que sob a perspectiva literalmente gramatical, as variedades (as normas) se equivalem, ou seja, todas são igualmente organizadas e complexas. Com isso, não podemos afirmar que as variedades se equivalem socialmente, visto que há uma diferenciação valorativa, a qual hierarquiza as variedades. Devido a fundamentos históricos, os grupos sociais atribuem diferentes valores às diferentes variedades. Desse modo, algumas variedades são avaliadas socialmente de forma positiva, ao mesmo tempo em que outras são desprestigiadas e inclusive estigmatizadas. É imprescindível compreender que as valorações não são nem “naturais” nem exclusivamente linguísticas, porém resultam da forma como se organizam historicamente as relações entre os grupos sociais.

Faraco (2008) classifica as variedades/normas como: norma culta, norma padrão e norma gramatical. Segundo o referido autor, a norma culta representa o conjunto de fenômenos linguísticos utilizados geralmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita. No tocante à norma padrão, em relação à realidade léxico-gramatical, é um fenômeno relativamente abstrato, visto que na codificação há um apagamento dos termos dialetais mais relevantes. Quanto à norma gramatical, o autor

conceitua como sendo o conjunto de fenômenos apresentados como cultos/comuns pelos gramáticos.

Conforme Tarallo (2006), a cada situação de fala que nos inserimos, percebemos que a língua falada é heterogênea e diversificada. Essa situação de heterogeneidade deve ser sistematizada. Diante do exposto, é notável a influência da língua na identificação de grupos, em sua configuração, visto que é uma maneira de estabelecer as diferenças sociais de cada comunidade.

Para sustentar as colocações dos autores, na próxima seção apresentaremos estudos feitos sobre a multifuncionalidade do item linguístico *aí*.

1.2 “PODERIA APRESENTAR O QUE JÁ FOI FEITO?”: ESTUDO LINGUÍSTICO-DESCRITIVO SOBRE A MULTIFUNCIONALIDADE DO AÍ

Apesar de estudos sociolinguísticos terem comprovado que a língua é heterogênea, muitos indivíduos a tratam como homogênea, a exemplo disso temos a apresentação do item linguístico *aí*, em gramáticas normativas, apenas como um advérbio de lugar sem levar em consideração as outras funções exercidas pelo item linguístico em questão, a exemplo de *sequenciador temporal* e *introdutor de efeito*. Sendo assim, percebemos as mudanças que vêm ocorrendo em nossa língua. Uma delas é a multifuncionalidade do *aí*.

No artigo *Conectores sequenciadores e, aí e então na fala de Natal/RN: indícios de especialização funcional*, da autora Maria Alice Tavares (1999), a referida autora declara a existência de um fenômeno de variação intitulado “sequenciação retroativo-propulsora de informações”. Segundo a autora:

Quando um falante ou escritor estabelece uma relação coesiva entre enunciados sequenciados segundo uma ordenação temporal ou discursiva, está em jogo a sequenciação retroativo-propulsora, domínio funcional responsável por indicar que um enunciado será introduzido no discurso em continuidade e consonância com o já dado. É o que tento aprender com a expressão *retrotivo-propulsora*: os movimentos simultâneos de retroagir – conduzindo a atenção do interlocutor para trás no discurso – e de propulsionar- conduzindo a atenção do interlocutor para a frente, para a continuidade do discurso. (TAVARES, 1999, p.195-196)

A referida autora constata que a sequenciação retroativo- propulsora aparece com mais frequência por meio dos conectores *e*, *aí* e *então*, sendo os demais menos recorrentes. Conforme Tavares (1999) o fenômeno da variação linguística ocorre devido ao fato das

formas inovadoras conviverem e disputarem espaço com as demais, na fala dos indivíduos e na gramática da comunidade. Esse fato aconteceu com o *aí*, o qual tornou-se conector apenas na língua portuguesa sem substituir os conectores mais antigos, *e* e *então*.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa de Tavares (2008) foram na seguinte escala de marcação crescente: *e* > *aí* > *então*. *E* é a forma mais recorrente, responsável por 520 dados (58%) do total de 901 casos de sequenciação presentes na amostra. *Aí* possui marcação intermediária, com frequência de 243 (27%). *Então* é a forma mais longa e menos frequente (138 dados de 15%). A ocorrência de um conector ser mais ou menos marcado indica que é mais ou menos provável em determinados contextos. Dessa forma, *e*, *aí* e *então* exercem a mesma função, porém não possuem a mesma complexidade estrutural e cognitiva.

Tavares (1999) afirma que é possível que *aí*, intermediário entre *e* e *então* quanto à marcação, sejam preferido na indicação de relações semântico-pragmáticas e intermediárias quanto à marcação (TAVARES, 1999, p.206).

Os resultados do estudo de Tavares (1999) foram os seguintes quanto ao conector *aí*, a sequenciação temporal, de marcação intermediária para baixa, condiciona favoravelmente o uso do *aí*, o qual também recebe destaque na codificação da introdução de efeito e na codificação da retomada.

Conforme declara Tavares (1999):

Aí é condicionado favoravelmente pela sequenciação temporal, de marcação intermediária para baixa, e pela introdução de efeito, e marcação intermediária para alta. Todavia, concorre com ENTÃO em contextos de alta marcação, como a retomada e o nível e articulação de segmentos tópicos. Acredito que o fato de Aí ter marcação intermediária possa fazê-lo oscilar entre contextos de diferentes graus de marcação. (TAVARES, 1999, p.211)

Diante do exposto, é notável que quando usamos um conector mais ou menos marcado indica que é mais ou menos possível de acontecer em determinados contextos de uso, em desvantagem a outros conectores que também desempenham a mesma função.

1.3 O QUE DIZEM AS GRAMÁTICAS¹?

¹ A gramática histórica estuda a origem e a evolução histórica de uma determinada língua desde seu surgimento até os dias atuais. Na gramática histórica *Linguística e Filologia* do autor Coutinho (1976) há uma divisão das várias espécies de advérbios em: *lugar*, *tempo*, *intensidade*, *modo*, *afirmação* e *negação* e por último *designação*. É pertinente ressaltar que o referido autor não discute o *aí*, nem como advérbio de lugar, nem como outra possibilidade de uso.

Nesta seção, apresentamos o que os compêndios gramaticais informam em relação à categoria *Advérbios*, mais especificamente o *aí*, geralmente é classificado como advérbio de lugar. Entende-se por *compêndios gramaticais* um conjunto de regras que delimitam o uso da língua, determinando um padrão de fala e escrita. Por tratar-se de um grupo de normas, a gramática dá estrutura à língua. As normas definem a língua padrão, também chamada de língua culta ou norma culta. Sendo assim, muitas pessoas pensam que para escrever e “falar corretamente” é preciso usar as regras da gramática.

Devido ao fato da língua ser viva, a mesma sempre está passando por transformações, pois acompanha as mudanças ocorridas ao longo dos anos, o que ocasiona um distanciamento entre a fala e a escrita. Em virtude da língua ser arraigada na história criaram-se as formas: “certo” e “errado”, esta é considerada deturpação da língua pelos grupos de maior prestígio econômico. Dessa forma, os falantes nativos da língua precisam ter discernimento para adequar a língua ao local em que estão.

Nossa investigação considerou as seguintes obras: Bechara (2006), Cunha e Cintra (1985), Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2009), Rocha Lima (2003), Castilho (2010), Maria Helena de Moura Neves (2000) e Coutinho (1976). Categorizamos os autores da seguinte maneira:

- i. Bechara (2006), Cunha e Cintra (1985) e Rocha Lima (2003) representando as gramáticas normativas;
- ii. Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2009) conceituamos representantes da gramática pedagógica.
- iii. Castilho (2010), Maria Helena de Moura Neves (2000) representantes de gramáticas descritivas;
- iv. Coutinho (1976) representante de gramáticas históricas.

1.3.1 Gramáticas normativas e pedagógica

As gramáticas normativas são os resultados dos estudos dos gramáticos com o intuito não só de propor, mas também de orientar como devemos falar e escrever. Nesse tipo de gramática propaga-se a padronização da língua. Geralmente é utilizada na sala de aula e nos livros didáticos.

A gramática pedagógica tenta relacionar os conteúdos gramaticais com as situações cotidianas a fim dos leitores aperfeiçoarem sua capacidade de uso da língua.

Bechara (2006)

A *Gramática escolar da Língua Portuguesa* (2006), do autor Bechara, é uma gramática normativa que visa unir a modernidade dos estudos de linguagem à necessidade de que os alunos têm de um compêndio que os preparem para atender as exigências de cultura dos tempos atuais por meio de uma parte expositiva com inúmeros exercícios.

No que se refere aos advérbios, o referido autor define como a expressão modificadora do verbo que por si só denota uma circunstância (de lugar, tempo, modo, intensidade, condição, etc.), e desempenha na oração a função de adjunto adverbial. O advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal e se refere geralmente ao verbo, ou ainda, dentro de um grupo nominal unitário, a um adjetivo, a um advérbio (como intensificador), ou a uma declaração inteira.

Vale ressaltar que Bechara (2006, p. 276) classifica o advérbio como uma classe de palavras muito heterogênea, dessa forma, torna-se difícil atribuir-lhe uma classificação uniforme e coerente, uma vez que o advérbio apresenta certa flexibilidade de posição. Ele ainda argumenta que este papel singular do advérbio lhe dá também certa autonomia fonológica, de contorno entonacional muito variado, a serviço do intuito comunicativo do falante. As principais circunstâncias expressas por advérbio ou locução adverbial, graças ao significado das palavras empregadas e ao nosso saber do mundo, são: *assunto, causa, companhia, concessão, condição, conformidade, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar, modo, referência, tempo e negação*.

Percebemos que Bechara (2006) em sua *Gramática escolar da Língua Portuguesa* classifica as circunstâncias expressas pelos advérbios de forma distinta, um pouco mais ampla da que é abordada em Rocha Lima, Celso Cunha e Lindley Cintra, como veremos adiante. No entanto, ele não mencionou o *aí*, como advérbio de lugar, mas citou como pronominais demonstrativos.

Celso Cunha e Lindley Cintra (1985)

A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985), de Celso Cunha e Lindley Cintra, também é uma gramática normativa com a finalidade de fazer uma descrição do português contemporâneo por meio de diversas normas vigentes, servindo assim como fonte de informação e orientação para a expressão oral e escrita. De acordo com os autores, as características gerais desta gramática são definidas da seguinte forma:

Trata-se de uma tentativa de descrição do português atual na sua forma culta, isto é, da língua como a têm utilizado os escritores portugueses, brasileiros e africanos do Romantismo para cá, dando naturalmente uma situação privilegiada aos autores dos nossos dias. Não descuramos, porém, dos fatos da linguagem coloquial, especialmente ao analisarmos os empregos e os valores afetivos das formas idiomáticas. (CUNHA E CINTRA, 1985, p. XIV)

Quanto à classe dos advérbios, os autores argumentam que o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo, sendo que certos advérbios acrescentam outras funções que lhes são prestativas. Dessa forma, os advérbios de intensidade e as formas semanticamente correlatas podem reforçar o sentido de um adjetivo e de um advérbio. Além disso, empregam os advérbios em sete espécies: *afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação e tempo*.

É importante destacar a atenção dada pelos autores em relação à denominação dos advérbios:

Sob a denominação de advérbios reúnem-se, tradicionalmente, numa classe heterogênea, palavras de natureza nominal e pronominal com distribuição e funções às vezes muito diversas. Por esta razão, nota-se entre os linguistas modernos uma tendência de reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico. (CUNHA; CINTRA, 1985, p.530)

Cunha e Cintra (1985) enfatizam que a designação dada aos advérbios é heterogênea devido às palavras de caráter nominal e pronominal possuírem funções diversas. Os autores ainda afirmam que por esse motivo os linguistas modernos voltam a estudar o conceito de advérbio limitando-o ora do ponto de vista funcional, ora do semântico.

Observamos que Cunha e Cintra (1985) na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* aborda o *aí* de forma bem tradicional, classificando-o como advérbio de lugar sem mostrar exemplos desse tipo de ocorrência.

Rocha Lima (2003)

Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2003), caracteriza os advérbios da seguinte forma: “Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias *circunstâncias* que cercam a significação verbal” (LIMA, 2003, p. 174). Para ele, os advérbios são as palavras que alteram o sentido do verbo

expressando as circunstâncias, ocorrências da ação verbal. O referido autor classifica os advérbios em cinco categorias: *dúvida, intensidade, lugar, modo e tempo*.

Focaremos no advérbio de lugar que é o nosso objeto de estudo. Segundo Rocha Lima (2003, p.175) os advérbios de lugar são: *abaixo, acima, além, aí, ali, aqui, cá, dentro, lá, avante, atrás, fora, longe, perto, etc.*

A *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* do autor Rocha Lima (2003) apresenta o *aí* apenas como advérbio de lugar sem sequer mostrar exemplos desse tipo de ocorrência.

Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos (2009)

A *Gramática Pedagógica* (2009), dos autores Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos, é uma gramática pedagógica que apresenta uma linguagem bem moderna e atual com o intuito de fornecer meios necessários para que os alunos apresentem um bom desenvolvimento nas atividades do cotidiano como ouvir, falar, ler e escrever.

Os autores definem advérbio como a palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo ou do próprio advérbio, expressando uma circunstância. Os referidos autores classificam os advérbios em 7 categorias, são elas : *tempo, lugar, modo, intensidade, dúvida, afirmação e negação*.

Na gramática analisada em questão, os advérbios são classificados em 7 categorias, nas quais não mencionam o item linguístico *aí* em nenhum momento, nem mesmo como advérbio de lugar.

1.3.2 Gramáticas descritivas

A gramática descritiva tem caráter científico. Ela é responsável por fazer a descrição dos fatos da língua, com o intuito de investigá-los sem definir o que é certo ou errado ressaltando o uso oral da língua com suas variações.

Ataliba T. de Castilho (2010)

Castilho em sua gramática descritiva, *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010), aponta as formas do português brasileiro. Vejamos como essa gramática é apresentada no início:

Assim, o livro, ao mesmo tempo em que é pessoal e singular, porque reflete uma experiência da língua que é única, é também uma obra coletiva, plural, ou, melhor dizendo, “polifônica”, porque dá voz a uma enorme legião de pesquisadores que, num passado mais ou menos próximo, trataram do português do Brasil, lançando hipóteses que merecem ser consideradas. O grau de exaustividade alcançado nessa tarefa é notável e isso dá ao livro um caráter por assim dizer enciclopédico, ao mesmo tempo em que faz dele uma obra de referência obrigatória. É mais um traço diferencial em relação às gramáticas de estampo tradicional, que são por definição “*mono*”: monológicas, monódicas e... monótonas. (CASTILHO, 2010, p.29)

Segundo Cunha/Cintra (1958, p.529 apud CASTILHO, 2010, p.542): “A Gramática Tradicional do português considera o advérbio como uma palavra invariável, funcionando “fundamentalmente [como] um modificador do verbo””.

Entende-se por modificação o mesmo que predicação. Dado que grande parte dos adjetivos também predica, tem-se atribuído aos advérbios o papel de adjetivar (“o advérbio é o adjetivo do verbo”) e de substituir (“o advérbio substitui o sintagma preposicional”). (CASTILHO, 2010, p.542)

Castilho (2010) apresenta sete espécies de advérbios, número que chega a quatorze se a Nomenclatura Gramatical Portuguesa for considerada. São eles: *afirmação, dúvida, intensidade, lugar, modo, negação, tempo, ordem, inclusão, designação, realce, retificação, situação, advérbios interrogativos: de causa, de lugar, de modo e de tempo.*

Na referida gramática, Castilho (2010) mostra um exemplo de advérbios predicativos em que o *aí* aparece na seguinte expressão: *esses aí*. Vejamos a frase a seguir: “*Na minha gramática, vou chamar esses aí de advérbios de escopinho, tadinhos*”. (CASTILHO, 2010, p. 552). O autor declara que diferentes propriedades semânticas caracterizam os advérbios predicativos, entre elas a quantidade de classes predicadas ou também chamadas de escopadas, uma vez que a quantidade de escopos de um advérbio explica em grande parte a natureza complexa dos significados identificados.

Castilho também classifica o *aí* como advérbio dêítico. Vejamos o exemplo em que ele aparece: “*Na volta eu volto por aí*”. (CASTILHO, 2010, p.578). Segundo Castilho:

O caráter dêítico desta classe os predispõe a isso. E ainda mais: essa propriedade lança uma ponte entre os advérbios e os pronomes, tanto é assim que elas ora são incluídas entre os pronomes, ora são inscritas num espaço intermediário, donde o rótulo de pronomes adverbiais. (CASTILHO, 2010, p. 578)

Na *Nova Gramática do Português Brasileiro*, o autor Castilho (2010) aborda o *aí* não só como advérbio de lugar, mas também como advérbio predicativo e advérbio dêítico. Sendo assim, percebemos que o autor não restringiu o *aí* somente ao advérbio de lugar e sim, apresentou outras possibilidades de uso na língua.

Maria Helena de Moura Neves (2000)

Neves (2000) em sua gramática descritiva, *Gramática de Usos do Português*, afirma que a conceituação de advérbio tem diversos pontos de partida.

De um ponto de vista morfológico, o advérbio é uma palavra invariável. Encontram-se, entretanto, casos restritos de advérbio flexionado em gênero e número. Esses usos, que referem a quantificadores, pertencem a um registro mais distenso e são considerados erros pela gramática normativa. (NEVES, 2000, p.233)

Assim, a referida autora, classifica os advérbios de forma bem ampla, entre elas, o *aí* como advérbio de lugar dêítico. A autora já mencionada também apresenta um exemplo em que o *aí* é visto como advérbio de lugar indicando tempo. Vejamos: “*Domício e Bento saíram para o copião e lá ficaram de boca fechada à espera de qualquer coisa. Foi AÍ que eles ouviram um choro alto*”. (NEVES, 2000, p.256)

No exemplo acima, apresentado pela autora em questão percebemos que o *aí* está indicando tempo, uma vez que há apresentação dos fatos com a ordem em que ocorreram no tempo, indicando assim, que o segundo fato aconteceu mais tarde em relação ao primeiro. Esse exemplo demonstra uma das várias ocorrências do conector em estudo.

Neves (2000) explica:

Lugar e tempo são categorias dêíticas, isto é, categorias que fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala. Lugar e tempo de tal maneira se implicam que é fácil o trânsito de uma para outra categoria. Assim, é possível encontrar: advérbio de lugar indicando tempo e advérbio de tempo indicando lugar. (NEVES, 2000, p. 256)

Maria Helena de Moura Neves (2000) em sua gramática descritiva, *Gramática de Usos do Português*, classifica os advérbios de forma bem vasta. O *aí* é visto como advérbio de lugar dêitico e advérbio de lugar indicando tempo.

O *aí* é um conector sequenciador recorrente na fala do português do Brasil, no entanto, no que se refere à escrita não é um conector muito recorrente. No que diz respeito à essa perspectiva, Macedo e Silva (1996, p.12 *apud* FREITAG, 2001, p.27) definem os “marcadores discursivos ou conversacionais como partículas frequentemente encontradas na fala e não tão frequente na escrita”. O emprego não adverbial do conector *aí*, geralmente é considerado vício de linguagem pelos professores de Língua Portuguesa e por esse motivo é estigmatizado socialmente, em virtude desse fato não é encontrado com frequência na escrita, como comprovado não houve tratamento enfático em tais gramáticas: *Gramática escolar da Língua Portuguesa* (2006), do autor Bechara, *A Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1985), de Celso Cunha e Lindley Cintra, Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2003), *A Gramática Pedagógica* (2009), dos autores Roberto Melo Mesquita e Cloder Rivas Martos.

A maior parte dos estudos que tratam do conector em questão costuma apresentar e discutir somente uma situação em que esse elemento conectivo cumpre a sua função de advérbio de lugar. Contudo, não se deve deixar de discutir os outros valores incorporados pelo conectivo em estudo, visto que ele tem um valor a mais do que o prescrito nas gramáticas normativas. Sendo assim, observaremos a relação da Sociolinguística Variacionista com o ensino de Língua Portuguesa.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, discutiremos acerca do *corpus* e apresentaremos quais os procedimentos foram utilizados para esta pesquisa. A proposta metodológica adotada para o presente estudo consiste em uma análise quantitativa e qualitativa do uso do conector *aí*, a partir da visão dos discentes do 6º e 9º anos da Escola Municipal Terezinha Santana dos Santos, para mostrar a multifuncionalidade do fator linguístico em estudo, mesmo que muitas gramáticas ainda não trabalhem essa problemática.

2.1 FORMAÇÃO DO BANCO DE DADOS

Para fins desta pesquisa, foi apresentado aos alunos do 6º e 9º anos da Escola Municipal “Terezinha Santana dos Santos” a crônica: “*A mentira*” do autor Luís Fernando Veríssimo com o intuito de observarmos o uso do conector *aí* pelos discentes. Em seguida, discutiu-se acerca da temática da mentira e narramos dois exemplos de relatos de experiência. Em outro momento, sugerimos aos alunos que produzissem uma narração de experiência sobre um acontecimento em que eles fizeram uso da mentira. Ao aplicar a atividade para coleta de dados, reunimos 60 alunos, referentes às duas turmas, no entanto fizemos um recorte e selecionamos 29 alunos. Essas narrações serviram de base para o desenvolvimento deste trabalho.

2.2 VARIÁVEIS SOCIAIS CONTROLADAS

As variáveis sociais observadas para o desenvolvimento desta pesquisa foram *sexo* e *localidade geográfica*, devido ao fato de serem consideradas fatores importantes para a influência da variação linguística nos indivíduos de uma determinada comunidade de fala.

Em relação à *localidade geográfica* há domínios sociais que apresentam uma cultura de oralidade, já em outros há o predomínio das culturas de letramento. A autora Bortoni-Ricardo (2004) ressalta a importância de compreendermos a variação na língua portuguesa, para isso, a mesma propõe que imaginemos três linhas intituladas de *contínuos*. Um deles é o contínuo de urbanização, o qual engloba dois pontos extremos: de um lado devemos imaginar que estão situados os falantes das zonas rurais e do outro os falantes das zonas urbanas.

O contínuo de urbanização pode ser representado por três áreas: *variedades rurais isoladas*, *variedades urbanas padronizadas* e, entre as duas variedades, situa-se a *zona urbana*, a qual é um espaço sociocultural localizado no centro do contínuo. Essa zona é caracterizada pelos falantes que saem de uma zona e vão para outra, contudo ainda conservam tanto a cultura quanto o repertório linguístico de seus antecedentes. Isto quer dizer que, esses falantes não estão completamente integralizados com a cultura da zona urbana, como também não abandonaram absolutamente a sua cultura de origem. Sendo assim, a linha imaginária chamada de contínuo de urbanização serve para situar os falantes de acordo com seus atendentes e suas particularidades. No contínuo de urbanização, as variedades rurais isoladas estão em um polo do contínuo, já as variedades urbanas padronizadas se encontram em outro polo.

Trazendo para o nosso contexto de análise, no município de Moita Bonita/SE, consideramos a variável *localidade geográfica* a partir das informações dadas pelos alunos nas produções de relatos de experiência. É importante destacar que a escola está localizada na zona urbana, mas recebe alunos da sede e dos povoados. Ainda que a escola seja considerada como rural no cenário nacional, em virtude do município ser localizado no interior de um estado, dessa forma, a posição no contínuo da urbanização deve ser considerada como relativa, assim classificamos como sendo uma escola da zona urbana.

No tocante às influências dos fatores sociais, nesse caso específico do sexo, estudos sociolinguísticos comprovam que tanto os homens quanto as mulheres apresentam diferenças quanto ao seu modo de falar. Devido a esse motivo, apresentamos a hipótese de que as mulheres têm uma maior tendência a utilizar os conectores menos estigmatizados. Uma possível explicação para esse fato é em virtude do seu papel social de mãe e educadora, por exemplo. Em razão disso, elas preferem usar as variantes linguísticas mais prestigiadas. Já em relação ao sexo masculino, a hipótese lançada é de que eles utilizam mais os conectores estigmatizados. Nossas hipóteses são fundamentadas por intermédio de Fisher (1958, apud Paiva, 2004, p. 34), o qual afirma que a forma de prestígio tende a predominar na fala das mulheres. Consoante confirma Paiva (2004):

(...) gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. (PAIVA, 2004, p. 34)

As mulheres agem por meio de atitudes mais conservadoras, tradicionais, à medida que os homens tendem a liderar as mudanças. Os estudos realizados por Fischer (1958) corroboram que se a mudança acontecer em direção à forma de prestígio, a liderança será do sexo feminino, contudo se a mudança for estigmatizada, os homens lideram.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos através da coleta de dados aplicada em sala de aula para analisar os usos do conector *ai*. Vale lembrar que todas as análises referentes aos fatores linguísticos se relacionam com variáveis sociais como *localidade geográfica* e *sexo*, as quais são pertinentes para os objetivos desta investigação. Assim, apresentaremos os resultados da nossa pesquisa referente ao uso do conector em questão pelos estudantes do ensino fundamental maior, como também as possíveis discussões acerca da multifuncionalidade do *ai* na escola da rede pública de ensino da cidade de Moita Bonita/SE, com a finalidade de corroborar as hipóteses anteriormente levantadas.

O fator linguístico *ai* é um conectivo presente tanto em orações quanto em partes maiores do discurso, o qual desempenha funções tais como: sequenciador de informações e introdutor de efeito. Por meio da análise feita em gramáticas normativas, percebemos que *ai* é visto como advérbio de lugar e *daí* nem sequer é mencionado. Entretanto, foi possível perceber com as análises das redações do 6º e 9º anos que o conector em questão atua em diversas funções, como as mencionadas anteriormente e como pode ser vista a partir dos exemplos listados abaixo:

Sequenciador textual: ocorre quando o *ai* expressa a ordem de sequência das informações presentes no texto em forma de progressão.

(1) “(...) o carro da polisia passou por lar *ai* tinha uma moto (...) era dois ladroes *ai* nós começou a corre *ai* nos sis condeu detras de um barramco *ai* os policiais prendeu os bandidos (...) ele mindeu uma sura *ai* eu pensei numca mais vou mentir para meus pais pronto.” (IIF U) 6º ano

O item linguístico *ai* presente no exemplo (1) exerce a função de sequenciador textual, uma vez que apresenta a ordem em que os fatos aconteceram em forma de sucessão. Primeiramente, um carro da polícia passou por determinado lugar, onde havia uma moto, depois perceberam que eram dois ladrões na moto e resolveram esconder-se atrás de um barranco. Em seguida, os policiais prenderam os bandidos. O responsável pela menina resolveu castigá-la. Dessa forma, a menina decidiu parar de mentir para seus pais. Percebemos que os fatos narrados foram expostos por meio de sequências graduais.

(2) “(...) eu levei uma queda e ela mangou *ai* eu falei quen manga paga(...) *Ai* a minha mãi deu carinho a eu e a ela não deu nada. *Ai* ela pego ketchup passo na perna e falo a

mãe que foi atropelada(...) *Aí* ela levou uma queda sem menti e ela aprendeu que a mentira tem perna curta(...)” (I4FR) 6º ano.

No exemplo (2) os conectores linguísticos (*aí*) também estão desempenhando a função de sequenciador textual, visto que os fatos apresentados são narrados por meio de progressão. Inicialmente a menina caiu, logo em seguida a irmã riu, então a menina falou que quem debocha do outro irá pagar sofrendo consequências. Devido ao episódio acontecido a mãe fez carinho na menina que havia caído e não fez na irmã dela. Nesse momento, a irmã com ciúmes pegou ketchup colocou na perna e disse para a mãe que foi atropelada. Depois de toda a mentira, a menina que debochou da irmã, caiu e aprendeu que a mentira tem perna curta.

Contração (de + *aí*) = *daí* (indicando sequenciador textual)

(3) “Serto dia eu estava na casa de uma amiga. Ela tinha uma cadela o nome dela era lili, *daí* nós estávamos comendo pipoca e a cadela também...” (I2FR) 6º ano.

Em (3) o *daí* aparece por meio da contração (de + *aí*) exercendo a função de sequenciador textual, visto que demonstra a ordem de sequência das informações em forma de progressão. A princípio a menina estava na casa da amiga que tinha uma cadela chamada Lili. As meninas resolveram comer pipoca juntamente com a cadela.

(4) “Ela resolveu não atender a porta mais eles insistião *daí* o marido dela Alam se acordou irritado (...) ---- Júlia é a sua mãe, Alam está melhor não mãe ele piorou parece que ele está quase infartando. *Daí* a mãe dela liga para ambulância sem falar com a filha a ambulância chega e vêem que ele não está doente é só finginção para não ir almoçar lá em casa.” (I8FR) 6º ano.

No exemplo (4) temos mais um fragmento em que o *daí* desempenha a função de sequenciador textual através da contração (de + *aí*), determinando assim, a ordem gradual em que os fatos aconteceram. De início, a mulher decidiu não abrir a porta, mas a insistência de quem estava batendo a porta acordou e deixou o esposo da mulher irritado. A mãe liga para a filha perguntando se Alam está melhor, mas a filha fala que ele piorou e que acha que ele está sofrendo um infarto. Devido a esse fato, a mãe liga para a ambulância e somente quando a ambulância chega descobrem que ele não está doente, nem sequer sofrendo infarto, pois tudo aquilo era mentira para não almoçar na casa da sogra.

Sequenciador temporal: acontece por meio da apresentação de eventos na ordem em que ocorreram no tempo.

(5) “(...) Depois saiu para perguntar a roupa que ela tava, a pessoa falou e era realmente a roupa que ela tinha saído, então *aí* foi descoberta a mentira.” (I4FU) 9º ano.

O item linguístico *aí* presente no exemplo (5) exerce a função de sequenciador temporal, uma vez que os fatos são narrados de acordo com a ordem em que aconteceram no tempo. Alguém responsável pela menina saiu para perguntar com qual roupa ela estava vestida, contaram ao responsável e ele confirmou que ela havia saído com aquela roupa, nesse momento a mentira da menina foi descoberta.

(6) “(...) quando ela vinha mim matricular ela descobriu que eu fiquei em recuperação em duas chegando em casa ela mim perguntou e não tive como mentir mais foi *aí* que ela descobriu tudo e tive que dizer a verdade.” (I8FU) 9º ano.

No exemplo (6) o item analisado em questão desempenha a função de sequenciador temporal, uma vez que sequencializa temporalmente os eventos na ordem em que aconteceram no tempo. A mãe foi matricular a filha na escola e descobriu que ela havia ficado em recuperação em duas matérias. Quando chegou em casa, perguntou a filha se ela havia ficado em recuperação, como a menina não teve mais como negar, nesse momento ela falou toda a verdade.

Contração (de + *aí*) = *daí* (indicando sequenciador temporal)

(7) “Certo dia acordei de manhã e me lembrei que tinha prova, mas eu não tinha estudado então voltei a dormir, pois não queria tirar nota baixa, alguns minutos depois minha mãe veio me acordar, *daí* pensei rápido e inventei uma mentira que estava com a barriga e a cabeça doendo e que não estava disposto a ir para escola *daí* então tomei vários remédios...” (I1MU) 9º ano.

Em (7), temos um exemplo de sequenciador temporal por meio da contração (de + *aí*), visto que os fatos são narrados na ordem de tempo em que ocorreram. Um jovem acordou e lembrou que tinha prova, no entanto ele não havia estudado, por isso decidiu voltar a dormir, pois não queria tirar nota baixa. Alguns minutos depois, a mãe foi acordar o jovem que mentiu dizendo que estava com a cabeça e a barriga doendo, sendo assim não estava disposto a ir para escola. Logo em seguida, a mãe fez o jovem tomar vários remédios a fim de que ele melhorasse.

(8) “Em uma noite de sábado Shophia pediu a mãe para ir a casa da prima em Ribeirópolis, sendo que tinha festa na cidade em que morava (Moita Bonita). A mãe deixando ela foi, só que ela foi para a festa que a mãe já não tinha deixado ela ir. A festa acabou e ela

foi pra casa da prima, *daí* então quando ela chegou em casa já tinham contado a mãe dela...” (I4FU) 9º ano.

No fragmento (8), o item analisado em questão exerce a função de sequenciador temporal por meio da contração (de +aí), uma vez que o conector *aí* sequencializa os fatos na ordem em que ocorreram no tempo. Em uma noite de sábado uma jovem pede a mãe para ir à casa da prima na cidade de Ribeirópolis, no entanto ela não queria ir para outra cidade, pois na cidade em que ela morava havia festa. Então ela foi para festa, depois foi para casa da prima. Quando ela chegou em casa já haviam contado a mãe dela que ela estava na festa. Dessa forma, a mentira foi descoberta.

Introdutor de efeito: quando o *aí* dá ideia de sequência na relação de causa e consequência, ou seja, os introdutores de efeito representam consequência de algo dito anteriormente.

(9) “(...) o carro da polícia passou *aí* tinha uma moto vindo *aí* era dois ladroes...” (I1FU) 6º ano.

Em (9), o primeiro *aí* exerce a função de sequenciador textual, enquanto o segundo executa a função de introdutor de efeito, visto que indica uma consequência de algo que já foi dito antes. O carro da polícia passou, então deduzimos que algo aconteceu, por isso a polícia passou. Por meio da segunda informação que dois ladrões estavam na moto que passou, temos a consequência do que foi dito antes. Sendo assim, a polícia estava procurando os ladrões que estavam de moto.

(10) “Uma vez fui ao um lugar e um homem estava sendo assaltado por outro e o ladrão estava com uma arma e a arma era de mentira (de brinquedo). E o outro acreditou que era de verdade, *aí* ele pegou a arma dele (o homen que tava sendo assaltado) e o ladrão tinha uma arma tbm só que de mentira...” (I5FR) 6º ano.

No exemplo (10), o *aí* também exerce a função de introdutor de efeito, uma vez que representa consequência de um fato já mencionado anteriormente. A menina conta que estava em um lugar, onde havia um homem sendo assaltado por outro. No entanto, a arma do ladrão era de mentira, mas o homem pensou que era de verdade, por isso o homem que estava sendo assaltado pegou sua arma também. Diante desse exemplo, percebemos que a primeira ação que aconteceu foi um assalto, como consequência dessa ação o homem assaltado reagiu e também pegou sua arma.

Finalizadores: ocorre quando o *aí* indica adição de uma oração que sinaliza o final de um assunto.

(11) “*Aí* no final ninguém foi assaltado porque o ladrão confessou que a arma dele era de mentira.” (I5FR) 6º ano.

No fragmento (11), o *aí* desempenha a função de finalizador, já que indica conclusão do assunto. Esse exemplo deixa claro a conclusão do assalto, pois explica que no final ninguém foi assaltado porque o ladrão confessou que sua arma era de mentira.

(12) “(...) no final dessa minha mentira todo mundo descobriu que era verdade *aí* eu peguei e disse que eu tava namorando com ele já que todo mundo tava sabendo.” (I13FR) 9º ano.

Em (12), o *aí* também é finalizador, uma vez que a jovem explica o final da mentira, pois como todos já sabiam o que realmente tinha acontecido, ou seja, a verdade, ela resolveu contar que estava namorando, uma vez que não conseguiria sustentar a mentira.

Sendo assim, avaliamos quantitativamente, a forma como os alunos do 6º e 9º anos interagem frente ao fenômeno da multifuncionalidade. Para que tenhamos um diagnóstico linguístico e social dos informantes. Abaixo são apresentados os gráficos com os percentuais e a discussão dos dados coletados.

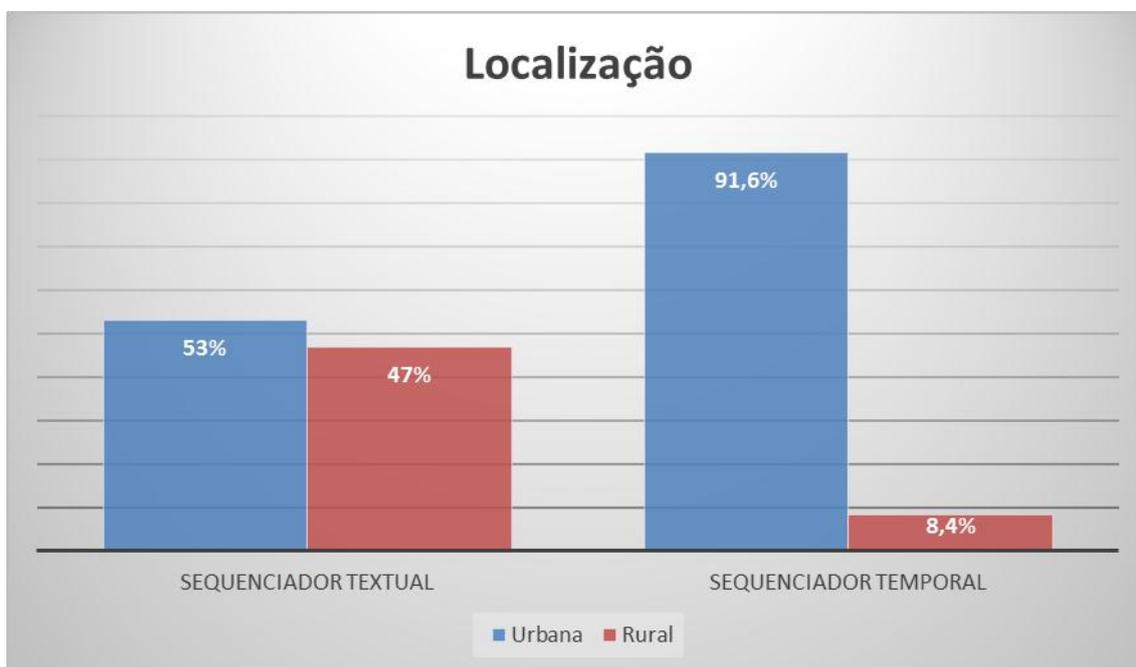


Gráfico 1: Uso do *aí* pelos alunos do 6º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator localidade geográfica.

Como já foi visto, a variável social *localidade geográfica* é um dos fatores imprescindíveis para a existência da variação linguística, visto que as pessoas julgam umas as outras pelo modo de falar. Estudos comprovam que as pessoas que moram na zona rural

utilizam a linguagem coloquial em oposição à linguagem padrão. Normalmente o *ai* é visto como forma estigmatizada, sendo assim, mais provável de ser utilizado na zona rural, no entanto por meio do gráfico em questão essa hipótese não foi confirmada.

Os resultados cotejados no gráfico 1 mostram que, com relação aos alunos do 6º ano, houve um equilíbrio quanto ao uso do sequenciador textual, visto que a diferença entre a zona urbana e a zona rural foi de apenas 6%. Sendo assim, houve uma maior utilização do sequenciador textual na zona urbana, com um percentual de 53%, enquanto o percentual na zona rural foi de 47%. Esse fato pode ter ocorrido devido o *ai* ser menos marcado, ou seja, mais frequente. Ou ainda, atualmente fala-se muito em zona rurbana, a qual é uma zona intermediária entre a zona rural e a urbana. Segundo Bortoni-Ricardo (2004):

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidos à influência urbana, seja pela mídia, seja pela adsorção de tecnologia agropecuária. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 52)

Dessa forma, a zona rurbana, consiste em uma mistura, a qual traz traços que seriam da zona rural também aparecerem na urbana e vice-versa.

Quanto ao sequenciador temporal, houve uma discrepância muito grande em relação ao uso pelos alunos do 6º ano da zona urbana, com um percentual de 91,6% em relação aos alunos da zona rural, com um percentual de apenas 8,4%. No tocante ao sequenciador temporal, os dados analisados foram divergentes, posto que os alunos do 6º ano da zona urbana utilizaram o *ai* exercendo a função de sequenciador temporal em larga escala enquanto os da zona rural utilizaram em pequena escala.

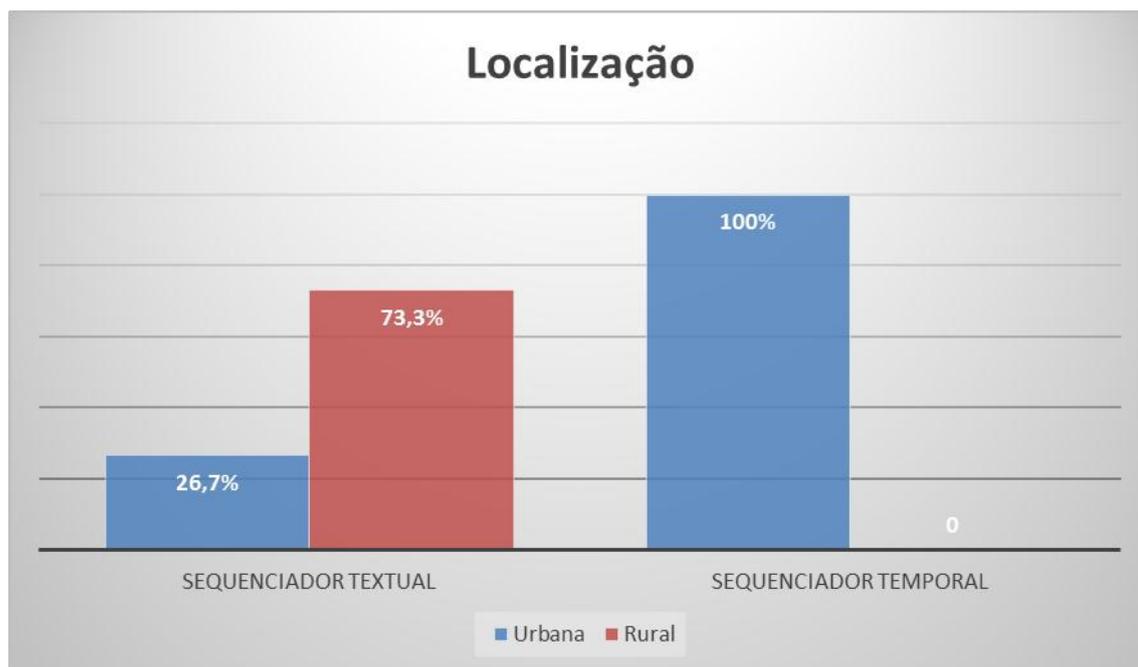


Gráfico 2: Uso do *aí* pelos alunos do 9º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator localidade geográfica.

Vejamos que no gráfico 2 os percentuais nos mostram que a variação da linguagem coloquial, nesse caso com o uso do *aí*, visto que ele é considerado uma variante estigmatizada é mais usado, justamente, na zona rural como nos informa estudos apontados em capítulos anteriores da nossa pesquisa: 73,3% dos falantes da zona rural utilizaram o conector linguístico em questão exercendo a função de sequenciador textual, enquanto que na zona urbana o percentual foi de somente 26,7%, indicando a função de sequenciador textual. Já em relação ao uso do *aí* como sequenciador temporal os alunos do 9º ano da zona urbana fizeram uso de 100%. Apesar desse fato, a zona urbana, é vista como local onde há falantes e leitores ativos, já que é considerada a zona que as pessoas falam a linguagem padrão diante da sociedade, obtivemos uso de 100% ao mesmo tempo em que os alunos do 9º ano da zona rural não fizeram nenhum uso do conector em questão indicando sequenciador temporal. Esse fato nos mostra que o preconceito linguístico existente contra os falantes da zona rural deve ser extinto, pois essa pesquisa nos mostra que à medida que os falantes da zona urbana fizeram uso de 100% do *aí* como sequenciador temporal, a zona rural não fez uso alguém contrariando assim o estereótipo de que os falantes da zona rural falam ou escrevem errado.

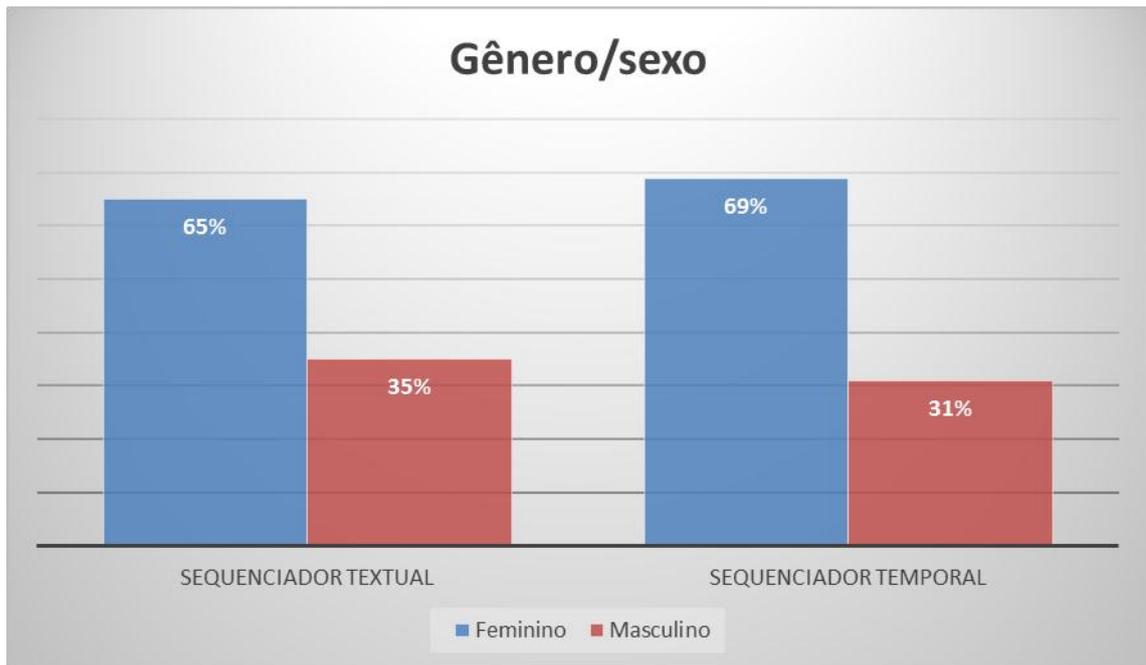


Gráfico 3: Uso do *aí* pelos alunos do 6º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator sexo

Como já foi visto no que diz respeito à influência da variável sexo na escolha de variantes vale ressaltar que muitos estudos sociolinguísticos apontam que homens e mulheres têm diferenças em seu modo de falar. Em nossa pesquisa, apesar de ser escrita, essa hipótese é confirmada, uma vez que o sexo feminino utilizou o *aí* como sequenciador textual com a porcentagem de 65% enquanto o sexo masculino com 35%. Em relação ao uso do *aí* indicando sequenciador temporal o sexo feminino fez uso de 69%, já o sexo masculino fez uso de 31%.

Diante do exposto acima, podemos afirmar que a hipótese lançada de que os homens utilizam mais o conector *aí* por ser uma forma considerada estigmatizada pela sociedade não foi comprovada em nossos estudos.

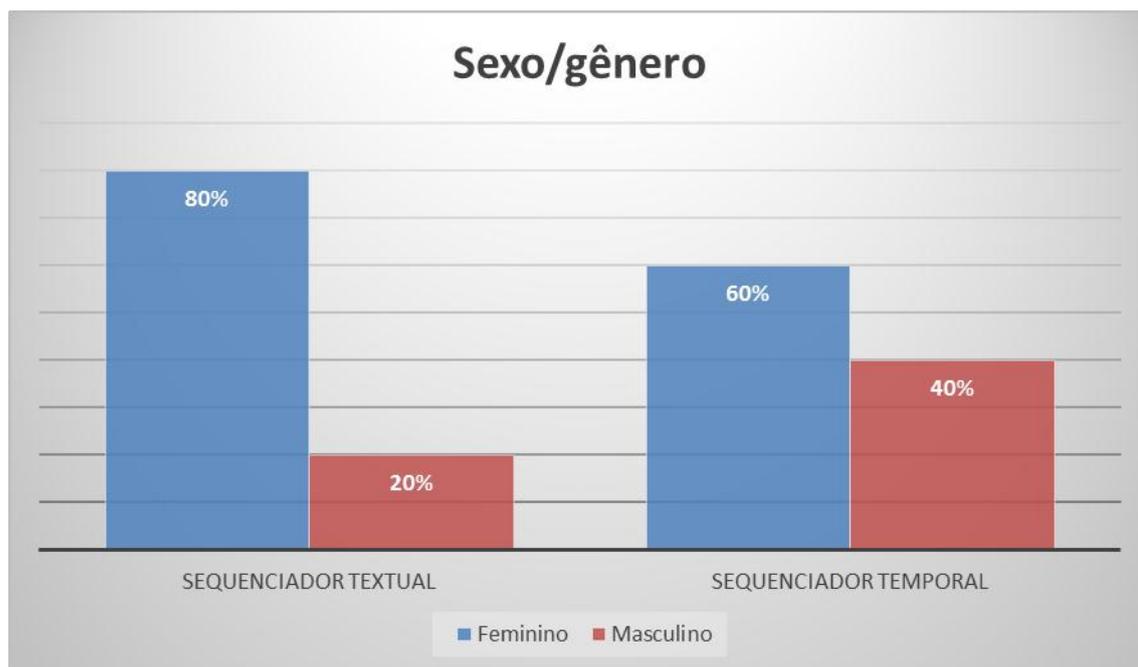


Gráfico 4: Uso do *ai* pelos alunos do 9º ano exercendo função de sequenciador textual ou temporal e o fator sexo.

Segundo Fischer (1958), constatou-se que se a mudança acontecer em direção à forma de prestígio, o sexo feminino tende a utilizar mais a variante, contudo se a mudança for de estigma, os homens tendem a utilizar mais a variante.

Vejam os dados no gráfico 4 os percentuais nos mostram mais uma vez que há diferenças entre o modo de falar dos homens e das mulheres. Os discentes do 9º ano do sexo feminino usaram o *ai* exercendo a função de sequenciador textual com a porcentagem de 80% ao mesmo tempo em que o sexo masculino fez uso de apenas 20%. Em relação ao *ai* desempenhando a função de sequenciador temporal, o sexo feminino fez uso com a porcentagem de 60% enquanto o sexo masculino fez uso de 40%.

Diante dos dados analisados, observa-se que o sexo feminino utilizou o *ai*, variante estigmatizada com maior frequência do que o sexo masculino tanto desempenhando a função de sequenciador textual quanto de sequenciador temporal. Esses dados do 9º ano mostram mais uma vez que a variante estigmatizada não foi utilizada pelo sexo masculino como pressupomos anteriormente.

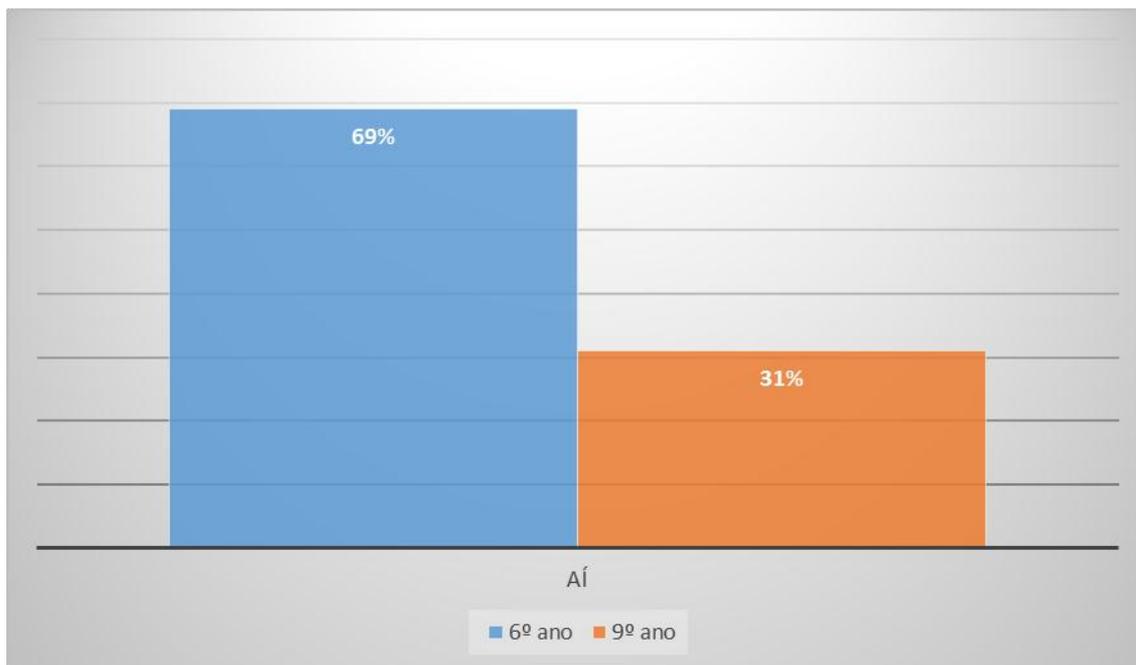


Gráfico 5: Uso do *aí* pelos alunos do 6º e 9º anos

O gráfico 5 nos mostra o percentual dos alunos do 6º e 9º anos quanto ao uso do item linguístico em questão. A hipótese lançada nesse caso foi confirmada, pois já esperava-se que os alunos do 6º ano utilizariam o *aí* com muito mais frequência que os alunos do 9º ano. Esse fato pode ser justificado devido os alunos do 6º ano estarem em fase de desenvolvimento no processo de aquisição da linguagem escrita, uma vez que eles baseiam-se muito na fala para desenvolver a escrita, sendo assim é mais comum encontrarmos marcas da oralidade na escrita desses alunos. Enquanto os alunos do 6º ano apresentaram um percentual de 69% em relação ao uso do *aí*, os alunos do 9º ano apresentaram um percentual de 31%. O pressuposto de que os alunos do 9º ano utilizariam o *aí* com menos frequência foi confirmado, posto que estes alunos já estejam finalizando o ensino fundamental maior, portanto já possuem consciência de que a escrita deve ser monitorada, pois para escrever é preciso seguir regras gramaticais. Em virtude de possuírem essa consciência de monitoramento, muitos desses alunos evitam utilizar marcas da oralidade na escrita, já que são estigmatizadas pela sociedade.

As formas que socialmente são consideradas como de prestígio estão diretamente relacionadas com o prestígio social. Os indivíduos que não fazem parte da sociedade de prestígio seja de forma econômica ou social não são enquadrados nos indivíduos considerados superiores. Sendo assim, a escola exerce um papel social imprescindível, posto que esta instituição atua influenciando mudanças na fala e sobretudo na escrita, já que esta deve

respeitar as regras impostas pela gramática normativa, a qual condena as variantes estigmatizadas.

Diante do que foi apresentado, em relação à influência do fator escolaridade no emprego dos sequenciadores de informação, é esperado que os conectores estigmatizados *aí*, *daí*, sejam mais usados por indivíduos com nível de escolaridade menor, já que esses conectores geralmente são considerados vícios de linguagem e conseqüentemente são reprimidos pelos professores de língua portuguesa. Espera-se também que à medida que a escolarização aumente, o uso dos conectores estigmatizados diminua. Sendo assim, fica explícito o fato dos discentes do 6º ano empregarem com maior frequência o conector linguístico *aí* em proporção aos discentes do 9º ano.

Os resultados obtidos demonstram que o item linguístico *aí* é utilizado em contextos específicos; além de ser menos marcado, e por isso tem maior frequência. Foi perceptível que o *aí* é condicionado favoravelmente pelas funções de sequenciação textual, função menos marcada, e de sequenciação temporal. Quanto à tipologia textual, nota-se que o *aí* tende a ser mais frequente no contexto textual de narrativas. A seguir apresentamos nossas considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, falamos de forma resumida o que foi discutido durante toda a pesquisa. No primeiro capítulo, descrevemos e contextualizamos a fundamentação teórica em que nos apoiamos para realização deste estudo, a qual se insere no quadro da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Em seguida, optamos por analisar um estudo acerca do funcionamento do item gramatical *aí* em seus contextos de uso. Também procuramos fazer um levantamento em relação à maneira que os gramáticos trabalham o item gramatical em questão em seus manuais didáticos, como as gramáticas normativas, pedagógicas, descritivas e históricas.

No segundo capítulo, intitulado procedimentos metodológicos, comentamos características a respeito do *corpus* e expomos qual a metodologia utilizada para subsídios desta pesquisa. Seguindo essa linha, no terceiro capítulo, analisamos e apresentamos os resultados e discussões acerca das produções aplicadas em sala de aula aos alunos do 6º e 9º anos da Escola Municipal “Terezinha Santana dos Santos”, localizada na cidade de Moita Bonita/SE, a fim de explicar o fenômeno da multifuncionalidade do *aí*.

A principal finalidade desse estudo foi apresentar o funcionamento do item gramatical *aí* em seus contextos de uso, por intermédio da descrição de algumas ocorrências do referido item linguístico presentes nas produções dos alunos do 6º e 9º anos, à luz do referencial teórico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Constata-se que o item gramatical *aí*, consoante analisado desempenha novas funções além de advérbio de lugar.

Cientes de tais resultados, conclui-se que os alunos selecionados para este estudo, independente das variáveis *localidade geográfica* e *sexo*, empregam o *aí* em circunstâncias distintas a exemplo de sequenciador textual, sequenciador temporal, introdutor de efeito e finalizador. É notável o enfraquecimento semântico do *aí*, na medida em que não se refere somente a lugar sendo espaço físico.

Presumimos que a partir deste estudo, outros na mesma perspectiva de análise também possam ser realizados, com o propósito de expandir as discussões com relação aos fenômenos variacionistas da Língua Portuguesa. Esperamos que os resultados apresentados nesta pesquisa contribuam com a descrição do português falado no agreste sergipano, a partir das produções de relatos de experiência de informantes da comunidade escolar “Terezinha Santana dos Santos”, e conseqüentemente para a descrição do português falado no Brasil.

Estes resultados, portanto, confirmam que o item gramatical *aí* nos contextos de uso apresentados é multifuncional.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M; ABAURRE, Maria Bernadete M; PONTARA, Marcela. **Português: contexto, interlocução e sentido**. São Paulo: Moderna, 2008.

BECHARA, Evanildo. **Gramática escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CASTILHO, Ataliba Texeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, [1972] 2008.

MESQUITA, Roberto Melo; MARTOS, Cloder Rivas. **Gramática pedagógica**. São Paulo: Saraiva, 2009.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33-42.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43ª Ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

SANTOS, Lécia de Jesus; BARRETO, Eccia Alécia. **Multifuncionalidade do item gramatical aí em textos narrativos de alunos do 6º e 9º anos do ensino fundamental**. LÍNGUA, LITERATURA E ENSINO, XII, 2015. Aracaju. Anais da XII Semana de Letras da FSLF. Aracaju: Curso de Letras Português e respectivas literaturas, 2015. 255 p.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1994.

TAVARES, Maria Alice. A gramaticalização do *aí* como conector – indícios sincrônicos. In: **Working Papers em Linguística**, 3. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina, 1999, p. 25-40.

TAVARES, Maria Alice. **Conectores sequenciadores e, *aí* e *então* na fala de Natal/RN:** indícios de especialização funcional. Interdisciplinar: Revista de estudos em Língua e Literatura. v.12, p.195-213, jul./dez. 2010

TAVARES, Maria Alice. **Um estudo variacionista de *aí*, *daí*, *então* e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis.** 1999. Tese (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

ANEXOS

ANEXO A – Folha de aprovação

Lécia de Jesus Santos

**MULTIFUNCIONALIDADE DO AÍ: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO EM
PRODUÇÕES DE RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras/DLI da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, como requisito de obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Itabaiana, 20 de Maio de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Beto Vianna – Orientador
Universidade Federal de Sergipe - UFS

Prof. Ms. Eccia Alécia Barreto – Examinadora

Universidade Federal de Sergipe - UFS

ANEXO B- Conto



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Campus Professor Alberto Carvalho

Discente: Lécia de Jesus Santos

Orientador: Beto Vianna

A MENTIRA

João chegou em casa cansado e disse para a mulher, Maria, que queria tomar um banho, jantar e ir direto para a cama. Maria lembrou a João que naquela noite eles tinham ficado de jantar na casa de Pedro e Luísa. João deu um tapa na testa, disse um palavrão e declarou que de maneira nenhuma, não iria jantar na casa de ninguém. Maria disse que o jantar estava marcado há uma semana e seria uma falta de consideração com Pedro e Luísa, que afinal eram seus amigos, deixar de ir. João reafirmou que não ia. Encarregou Maria de telefonar para Luísa e dar uma desculpa qualquer. Que marcassem o jantar para a noite seguinte.

Maria telefonou para Luísa e disse que João chegara em casa muito abatido, até com um pouco de febre, e que ela achava melhor não tirá-lo de casa naquela noite. Luísa disse que era uma pena, que tinha preparado uma *Blanquette de Veau* que era uma beleza, mas que tudo bem. Importante é a saúde e é bom não facilitar. Marcaram o jantar para a noite seguinte, se João estivesse melhor.

João tomou banho, jantou e foi deitar. Maria ficou na sala vendo televisão. Ali pelas nove bateram na porta. Do quarto, João, que ainda não dormira, deu um gemido. Maria, que já estava de camisola, entrou no quarto para pegar seu robe-de-chambre. João sugeriu que ela

não abrisse a porta. Naquela hora só podia ser um chato. Ele teria que sair da cama. Que deixasse bater. Maria concordou. Não abriu a porta.

Meia hora depois, tocou o telefone, acordando João. Maria atendeu. Era Luísa querendo saber o que tinha acontecido.

- Por quê? - perguntou Maria.

- Nós estivemos aí há pouco, batemos, batemos e ninguém atendeu.

- Vocês estiveram aqui?

- Para saber como estava o João. O Pedro disse que andou sentindo a mesma coisa há alguns dias e queria dar umas dicas. O que houve?

- Nem te conto - contou Maria, pensando rapidamente. - O João deu uma piorada. Tentei chamar um médico e não consegui. Tivemos que ir a um hospital.

- O quê? Então é grave.

- A febre aumentou. Ele começou a sentir dores no corpo.

- Apareceram pintas vermelhas no rosto - sugeriu João, que agora estava ao lado do telefone, apreensivo.

- Estava com o rosto coberto de pintas vermelhas.

- Meu Deus! Ele já teve sarampo, catapora, essas coisas?

- Já. O médico deu uns remédios. Ele está na cama.

- Vamos já para aí.

- Espere!

Mas Luísa já tinha desligado. João e Maria se entreolharam. E agora? Não podiam receber Pedro e Luísa. Como explicar a ausência das pintas vermelhas?

- Podemos dizer que o remédio que o médico deu foi milagroso. Que eu estou bom. Que podemos até sair para jantar - disse João, já com remorso.

- Eles iam desconfiar. Acho que já estão desconfiados. É por isso que vem para cá. A Luísa não acreditou em nenhuma palavra que eu disse. Decidiram apagar todas as luzes do apartamento e botar um bilhete na porta. João ditou o bilhete para Maria escrever.

- Bota aí: "João piorou subitamente. O médico achou melhor interná-lo. Telefonaremos do hospital".

- Eles são capazes de ir ao hospital à nossa procura.

- Não vão saber que hospital é.

- Telefonarão para todos. Eu sei. A Luísa nunca nos perdoará a *Blanquette de Veau* perdida.

- Então bota aí: "João piorou subitamente. Médico achou melhor interná-lo na sua clínica particular. O telefone lá é 236 - 6688".

- Mas esse é o telefone do seu escritório...

- Exato. Iremos para lá e esperaremos o telefonema deles.

- Mas até que a gente chegue ao seu escritório...

- Vamos embora!

Deixaram o bilhete preso na porta. Apertaram o botão do elevador. O elevador já estava subindo. Eram eles!

- Pela escada, depressa!

O carro de Pedro estava barrando a saída da garagem do edifício. Não podiam usar o carro. Demoraram a conseguir um táxi. Quando chegaram ao escritório de João, que perdeu mais tempo explicando ao porteiro a sua presença ali no meio da noite, o telefone já estava tocando. Maria apertou o nariz para disfarçar a voz e atendeu:

- Clínica Rochedo. "Rochedo?!" espantou-se João, que se atirara, ofegante, numa poltrona.

- Um momentinho, por favor - disse Maria.

Tapou o fone e disse para João que era Luísa. Que mulherzinha! O que a gente faz para preservar uma amizade. E não passar por mentiroso. Maria voltou ao telefone.

- O Sr. João está no quarto 17, mas não pode receber visitas. Sua senhora? Um momentinho, por favor.

Maria tapou o fone outra vez.

- Ela que falar comigo.

Atendeu com a sua voz normal.

- Alô, Luísa? Pois é. Estamos aqui. Ninguém sabe o que é. Está com pintas vermelhas por todo o corpo e as unhas estão ficando azuis. O quê? Não. Luísa, vocês não precisam vir para cá.

- Diz que é contagioso - sussurrou João, que com a cabeça atirada para trás preparava-se para retomar o sono na poltrona.

- É contagioso. Nem eu posso chegar perto dele. Aliás, eles vão evacuar toda a clínica e colocar barreiras em todas as ruas aqui perto. Estão desconfiados que é um vírus africano que...

ANEXO D - Contagem

6º ano

Sequenciador textual (S. Tx): Feminino- rural = 11.

Sequenciador textual (S. Tx): Feminino- urbana= 6.

Total de S. Tx no sexo feminino =17.

Sequenciador textual (S. Tx): Masculino- rural= 0.

Sequenciador textual (S. Tx): Masculino- urbana= 11.

Total de S. Tx no sexo masculino= 11.

Contração (de + *aí* = *daí*) indicando Sequenciador Textual: Feminino- rural = 4.

Contração (de + *aí* = *daí*) indicando Sequenciador Textual: Feminino- urbana = 0.

Total de Contração (de + *aí*= *daí*) no sexo feminino = 4.

Contração (de + *aí* = *daí*) indicando Sequenciador Textual: Masculino- rural = 0.

Contração (de+ *aí* = *daí*) indicando Sequenciador Textual: Masculino- urbana = 0.

Total de Contração (de + *aí* = *daí*) no sexo masculino = 0

Sequenciador temporal (S. Tm): Feminino- rural = 1.

Sequenciador temporal (S. Tm): Feminino- urbana= 7.

Total de S. Tm no sexo feminino= 8.

Sequenciador temporal (S. Tm): Masculino- rural= 0.

Sequenciador temporal (S. Tm): Masculino- urbana= 4.

Total de S. Tm no sexo Masculino = 4.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Feminino- rural = 1.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Feminino- urbana = 0.

Total de Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) no sexo feminino = 1.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Masculino- rural = 0.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Masculino- urbana = 0.

Total de Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) no sexo masculino = 0.

Introdutor de efeito: Feminino- rural =1.

Introdutor de efeito: Feminino- urbana =1.

Total de introdutor de efeito=2

Introdutor de efeito: Masculino- rural = 0.

Introdutor de efeito: Masculino- urbana = 0.

Total de introdutor de efeito = 0.

Finalização: Feminino- rural = 1.

Finalização: Feminino- urbana = 0.

Total de finalização = 1.

9ºAno

Sequenciador textual (S. Tx): Feminino- rural = 7.

Sequenciador textual (S. Tx): Feminino- urbana = 4.

Total de S. Tx no sexo feminino =11.

Sequenciador textual (S. Tx): Masculino- rural = 3.

Sequenciador textual (S. Tx): Masculino- urbana = 0.

Total de S. Tx no sexo masculino= 3.

Contração (de + aí = daí) indicando Sequenciador Textual: Feminino- rural =1.

Contração (de + aí = daí) indicando Sequenciador Textual: Feminino- urbana = 0.

Total de Contração (de + aí = daí) no sexo feminino =1.

Contração (de+ aí = daí) indicando Sequenciador Textual: Masculino- rural = 0.

Contração (de+ aí = daí) indicando Sequenciador Textual: Masculino- urbana = 0.

Total de Contração (de + aí = daí) no sexo masculino = 0.

Sequenciador temporal (S.Tm): Feminino- rural= 0.

Sequenciador temporal (S.Tm): Feminino- urbana = 2.

Total de S.Tm no sexo feminino= 2.

Sequenciador temporal (S. Tm): Masculino- rural = 0.

Sequenciador temporal (S. Tm): Masculino- urbana = 0.

Total de S. Tm no sexo Masculino = 0.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Feminino- rural = 0.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Feminino – urbana = 1.

Total de Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) no sexo feminino = 1.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Masculino- rural = 0.

Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) indicando Sequenciador Temporal: Masculino – urbana = 2.

Total de Contração (de + a \acute{i} = da \acute{i}) no sexo masculino = 2.

Finalização: Feminino- rural =1.

Finalização: Feminino- urbana = 0.

Total de finalização= 1.

Obs.: não apareceu introdutor de efeito no 9º ano.